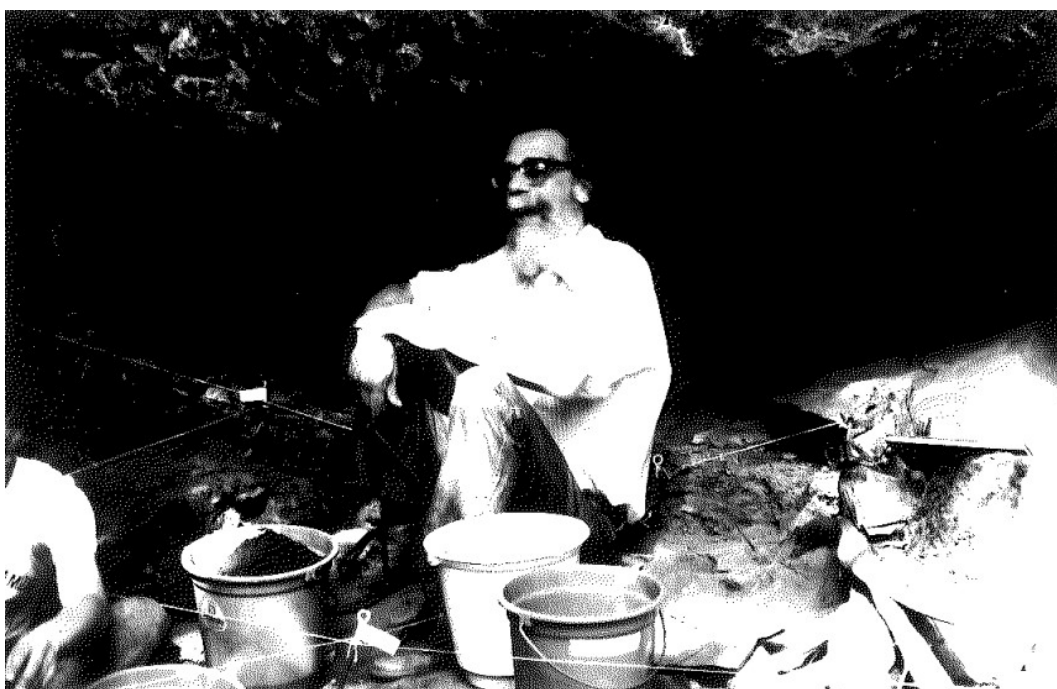


**JOSÉ BROCHADO:
QUEM O CONHECE,
NÃO O ESQUECE***



GISLENE MONTICELLI**



Nota: Foto de Gislene Monticelli

* Recebido em: 30.10.2020 Aprovado em: 14.11.2020.

** Doutora em Arqueologia (PUCRS). Mestre em História (PUCRS). Licenciada e Bacharel em Ciências Sociais (UFRGS). Professora Curso de Graduação em História (PUCRS). *E-mail*: gislenemonticelli@yahoo.com.br.

Resumo: *este texto se trata de um depoimento em comemoração aos trinta anos da publicação do livro Cerâmica Guarani, de autoria dos arqueólogos José Proenza Brochado e Fernando La Salvia. Refere-se ainda a algumas memórias obtidas pela convivência com o Brochado, por ter sido sua monitora, bolsista, aluna e, com ele, ter trabalhado por quase duas décadas, analisando, especialmente, fragmentos de vasilhas de cerâmica Guarani, encontradas em sítios arqueológicos. Para isso, utilizamos métodos como: verbetes do Dicionário de Montoya, observação de vasilhas inteiras, existentes em coleções arqueológicas no Rio Grande do Sul, entre outros, conforme propostas indicadas no livro e artigos subsequentes. Consta ainda um breve levantamento de produções bibliográficas locais sobre as quais Brochado exerceu grande influência. Trata-se de um tributo a sua vida e obra, pelas oportunidades e conhecimentos que ele nos tem oferecido.*

Palavras-chave: *Livro. Cerâmica. Guarani. José Brochado.*

Foi-me solicitado um artigo para comentar sobre a publicação do livro Cerâmica Guarani, há 30 anos, assim como detalhes da convivência que tive com o professor José Joaquim Justiniano Proenza Brochado, um de seus autores. Despretensiosamente, me proponho a relembrar nossa caminhada juntos. Trata-se de um depoimento.

Não foi sem dificuldades que eu encarei a tarefa, a partir de convite de Francisco Noelli. Um tanto pela demanda triplicada agora, no trabalho remoto, em tempos de pandemia, mas também (analisando minha demora), por conta da responsabilidade de escrever sobre alguém que me é tão caro e responsável pela minha trajetória. Não é um fardo, longe disso, mas tem um peso, proporcional a dívida que contraí com José Brochado por tudo que ele me ensinou.

Começo tratando de mim mesma, se me permitem, para que possa identificar, em seguida, as influências que o Brochado exerceu sobre mim e toda uma geração, que teve o privilégio de com ele conviver quase que diariamente.

Se me pedirem só duas palavras sobre o Brochado (como o designarei daqui para frente), eu diria: sabedoria e generosidade.

Em tempos aproximados, ele estava se formando em História (UFRGS) e eu, logo depois, nasci. Ele já estava fazendo um estágio na Argentina (Universidad Nacional de La Plata) e eu estava entrando no ensino fundamental (primário, na época). Ele estava concluindo o doutorado (Illinois, EUA) e eu, ainda recém tinha ingressado na universidade. Quase trinta anos de diferença na idade e descobrimos depois uma grande afinidade em torno da Cerâmica Guarani, que nos permitiu anos de convivência, trabalho conjunto e uma grande admiração da minha parte que, até hoje, segue firme e inabalável.

Conhecendo bem o Brochado, sei que ele é avesso a homenagens e um pouco (eu ousar dizer) até alheio ao que estamos fazendo. Porque, no fundo, ele sabe o que realmente importa. O próprio distanciamento social em tempos de Covid 19 está nos mostrando isso. Muitas das coisas a que dávamos importância, descobrimos agora que eram supérfluas ou absolutamente irrelevantes. O mais importante são, além da nossa saúde e liberdade, nossas relações interpessoais, nossas conversas, nossa troca de ideias, refletir “fora da caixinha”. E isso é o que o Brochado sabe fazer de melhor. Atender com atenção, estabelecer uma interlocução incansável. Lembro dele rodeado de jovens aprendizes, ávidos sobre o que ele tinha a dizer quanto aos mais variados assuntos. O Brochado tem o dom da palavra!

E aí podemos relacionar o Brochado aos Guarani: a palavra é sagrada e tem muito valor! No entanto, para o Brochado, ela flui tão naturalmente, sai de forma desenvolta, que parece fácil, sejam nas palavras faladas ou por escrito.

Não esqueço que uma vez comentei, em tom de reprovação, que as pessoas estavam pisando na grama para atalhar um caminho, ao invés de usarem a calçada. No que o Brochado prontamente respondeu: “isso é porque construíram a calçada no lugar errado”. Isso mesmo, ‘Bro’! Ele tem um jeito próprio, espontâneo e sincero, de ver as coisas. Nossa convivência sempre foi de uma leveza ímpar.

Nos menores comentários, uma lição. Eu: “Brochado veja só. Estão aplicando o golpe do bilhete premiado!” E ele: “foram enganados porque quiseram tirar proveito...”. Moral da história: assim, quase sem querer, ele ia me ensinando uma nova maneira de ver o mundo. Como estas, teria outras tantas histórias para contar. Resumindo: aprendi com ele mais do que somente sobre Arqueologia, os Guarani ou a cerâmica, o que já seria muita coisa.

Farei uma digressão e logo (assim espero) entenderão onde quero chegar. Dei-me conta que a maior parte da minha vida, antes mesmo de chegar à vida adulta, foi com a presença do Brochado e de sua família. Fui amiga de sua querida esposa, Letícia (*in memoriam*), e vi seus filhos (Adriano e André) crescerem, hoje já adultos.

ANOS 1980

Conheci o Brochado ainda na minha adolescência. Tudo porque cheguei à UFRGS quando tinha completado há pouco 17 anos. No verão de 1983, ingressei nas Ciências Sociais. A própria escolha do curso foi inusitada, já que eu pouco sabia do que se tratava. Eu não conhecia nenhum cientista social. Tudo que eu sabia, estudando um pouco sobre as profissões em um livro e analisando os currículos dos cursos oferecidos pela Universidade Federal, pública e gratuita (UFRGS), permitiram que eu fizesse a escolha, praticamente por exclusão. Como eu queria estudar os índios (termo usado na época), diferentes culturas, o caminho escolhido foi pela Antropologia, uma das ênfases do curso.

Aí meu caminho se cruza com o do ‘Professor’ Brochado. Logo passado os primeiros semestres iria ter disciplinas ministradas por ele: Etnologia e Etnografia do Brasil I e II. Ocorre que não esperei. Procurei por sua sala em outro prédio, diferente daquele em que tínhamos aula. Chegando lá, sala fechada. Havia um rapaz na sala ao lado, que me disse algo que não esqueci. “Não sei do professor Brochado e ninguém sabe!” Não chegou a ser antipático. Foi sincero mesmo.

O Brochado de fato não era fácil de ser localizado. Ele não tinha telefone em casa, como até hoje não tem celular. Não tinha carro próprio, ainda que soubesse dirigir camionetes no tempo em que fez parte do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). Soube depois que, por aqueles dias, ele estava hospitalizado. E foi assim que logo NÃO o conheci, devido à sua saúde fragilizada.

Quando o encontrei pessoalmente, tempo depois, foi para cursar uma de suas disciplinas. Logo pedi para ser sua monitora. E aí ele já abriu um precedente. Talvez reconhecendo todo o meu interesse, já que estava a sua procura fazia tempo, ele deixou que eu fosse sua monitora, enquanto recém cursava a própria disciplina. Isso me levou ao seu gabinete, onde encontrei, além de muitos livros e vasilhas, chimarrão e sua inseparável xícara de chá, ambos sobre um móvel antigo de madeira, pintado de amarelo

claro. Tinha também uma antiga mesa de desenho, ali destinada a desenhar as bordas de vasilhas de cerâmica e a reproduzir as gravuras rupestres em abrigos sob rocha que ele pesquisou com colegas no interior do Rio Grande do Sul.

Havia várias vasilhas indígenas Guarani, inteiras, de diferentes tamanhos, obtidas por pesquisadores que o antecederam no Gabinete de Antropologia, nas pesquisas pioneiras no Rio Pelotas/Uruguai. Elas ficavam sobre prateleiras.

Havia também livros e muitas cópias de artigos. Como eu tinha feito secretário no ensino médio profissionalizante, comecei a exercer praticamente essa função junto a ele. Lembrava de seus compromissos, atendia alguns alunos a sua procura. Em suas viagens a congressos, cheguei a substituí-lo, preparando algumas aulas, com sua preciosa ajuda. E assim fui acumulando oportunidades como monitora (nas disciplinas e na exposição, que mencionarei em seguida), bolsista na Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), orientanda por ocasião do mestrado, com bolsa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Se ele ficava doente e passava alguns dias ausente, eu tratava de obter notícias suas, indo à sua casa, já que eu não podia ligar. Cheguei a visitá-lo no hospital. Sua esposa, Letícia, me presenteava e retribuía as visitas. Lamentei muito sua morte precoce e repentina, anos depois.

No gabinete do Brochado, cumpria parte do meu expediente. Encontrava folhas avulsas, enquanto procurava arrumar seus papéis e logo sua memória prodigiosa já deu o ‘ar da graça’. Eu mostrava uma última folha solta de um artigo qualquer, com as referências bibliográficas que constam sempre ao final, e ele prontamente dizia: deve ser do artigo do fulano. Dá uma olhada lá. E era mesmo!

Conseguimos organizar aos poucos um arquivo (do tipo com pastas suspensas) com todos os textos por ordem alfabética por sobrenome de autor, organizamos toda a correspondência enviada e recebida, removemos algum pó das vasilhas, selecionamos os livros por assunto. E assim aos poucos, mantivemos o gabinete mais organizado (na visão prática de uma secretária). Enquanto isso, ouvíamos dos colegas de outras áreas comentários que denotavam algum desprezo com a Arqueologia e com o que fazíamos, algo como: “como vão vocês e suas pedrinhas?” “Pedrinhas” era tudo que não tínhamos no gabinete.

Tempos depois conheci dois bolsistas. Surpreendi-me ao vê-los com os pés sobre a mesa do Brochado. Tomavam chimarrão, enquanto conversavam animados. Nada disse a ele, mas descobri depois que deviam ter organizado uma exposição e, após muitos meses, nada tinha acontecido. Resumo: passado mais algum tempo, a convite do Brochado, os substituí, e passei a condição de bolsista, com a tarefa de organizar com ele a exposição sobre Cerâmica e Arqueologia no Museu Universitário. A exposição ocorreu em outubro de 1986, no mezanino da Reitoria da UFRGS. Levou 30 anos para ocorrer nova exposição¹ de Arqueologia na universidade.

Na época, conseguimos com o querido colega Rodrigo Venzon (ANAI)², indigenista, espigas de milho muito colorido dos Mbyá Guarani. Colocamos também em exposição as vasilhas do acervo do gabinete, inclusive uma com contas de colar. Improvisamos mapas e, já querendo inovar, usamos *leds*, que acendiam ao pressionar botões e, assim, podíamos ver a movimentação de diferentes etnias indígenas, conforme pesquisa do Brochado.

Cabe lembrar que a tese do Brochado, escrita em inglês, tão fundamental e relevante, nos Estados Unidos e por aqui, permanece inédita. Talvez porque o Brocha-

do sempre tenha relutado, achando que devia atualizar seus dados, ele mesmo queria traduzi-la etc. Eventualmente me pediam para interceder junto a ele, visando sua publicação. Nunca o convenci. Agora, finalmente, está em vias de se transformar em livro! Mais um sucesso à vista!

A tese foi concluída em 1984³, na Universidade de Illinois (Urbana-Champaign). José Brochado foi orientado por Donald Lathrap. Segundo um comentário seu, ele (Lathrap) era muito bagunçado, em meio a livros e papéis. Quando o telefone tocava, seu orientador tinha que puxar o aparelho pelo fio, para conseguir atender a chamada. Exerceu grande influência na pesquisa e na obra do Brochado, de modo que ele pode se desvencilhar das idéias da Betty Meggers e Clifford Evans, mentores do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), onde Brochado havia atuado por cinco anos. Ele teve oportunidade de fazer cursos de prática de escavação (em campo e laboratório) no Paraná, com Annette Laming-Emperaire, por quem tinha grande admiração. Por isso, considero que o Brochado obteve assim uma formação privilegiada nos moldes da Arqueologia Brasileira, por ter convivido e certamente aprendido com as duas diferentes vertentes (norte-americana e francesa), que permitiu a formação dos primeiros arqueólogos no país (mediante cursos de extensão e programas aqui implantados)⁴ e depois ainda teve oportunidade de fazer seu doutorado nos Estados Unidos. Ele sempre foi um aluno de destaque, tanto que assumiu logo uma vaga como professor na universidade, ainda muito jovem, e pode fazer o doutorado diretamente, apresentando um *paper* (BROCHADO, 1980), sem necessidade do mestrado.

Enquanto estive cursando licenciatura e bacharelado no Campus do Vale, em Porto Alegre, mudamos de prédio. Deslocamos o acervo que, até então, ficava improvisado debaixo de uma escada no prédio das Letras. No mesmo prédio, no andar superior, ao final de um dos corredores, ficava inicialmente o gabinete do Brochado (a que já me referi). Com novo espaço em outro prédio destinado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, conseguimos reunir o acervo e o gabinete em um só lugar, muito ensolarado. Sempre foi um gabinete de Antropologia. Mas havia pesquisa arqueológica também no Curso de História. Curiosamente, e de certa forma até hoje, a Arqueologia se viu dividida na universidade federal (UFRGS) entre a História e a Antropologia. Um falso dilema que ainda persiste pelo mundo.

Foi o Brochado também que viabilizou minha participação em diferentes atividades de pesquisa nos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Eu, que fazia Ciências Sociais, contava com seu pedido junto ao Prof. Arno Kern, de modo que eu pudesse me juntar a turma de História em suas saídas de campo. Assim pude escavar nas reduções de São Miguel das Missões, São Lourenço do Sul, e depois, sob o comando do jovem professor José Otávio Catafesto de Souza, em São João Velho. Ali conheci grande parte dos colegas historiadores e arqueólogos, amigos até hoje. Então, foram mais do que oportunidades de aprendizado ou experiências no exercício da profissão. Foram estabelecidas relações de amizade, por intermédio direto ou indireto do Brochado. E devo-lhe isso também.

Dei-me conta, ainda que sem a pretensão do comparar nossas formações, que, enquanto que o Brochado cursou graduação em História e pós-graduação em Antropologia, eu fiz o inverso. Talvez sejamos o exemplo e o incentivo para aqueles que queiram fazer uma formação diversificada no decorrer de seus estudos e pesquisas, em áreas diferentes, mas tão relacionadas e complementares.

Cheguei a ficar, por dois semestres, afastada da universidade para aproveitar nova oportunidade oferecida pelo Brochado e que fez toda a diferença na minha trajetória como aprendiz de arqueóloga: pesquisar em usinas hidrelétricas no Rio Pelotas/Uruguai. O chamado então Projeto Arqueológico Uruguai. Uma parceria dele, com o geógrafo/arqueólogo Fernando La Salvia (que tinha sido professor na Universidade de Caxias do Sul e arqueólogo no IPHAN) e o irmão marista Valeriano (Guilherme Naue), coordenador Centro de Estudos e Pesquisa Arqueológicas (CEPA).

Lembro que, no final do ano de 1986, reunimos pela primeira vez a equipe dos coordenadores e técnicos auxiliares no CEPA, que ficava então no prédio do Colégio Marista Champagnat, no interior do campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi lá que conheci a Angela Maria Cappelletti, colega, querida e grande amiga há mais de 30 anos, que foi indicada pelo Irmão Naue, enquanto a Clélia Fagundes, foi indicada, por sua vez, pelo Fernando La Salvia, para compor a equipe.

Assim que obtive minha carteira de motorista, já dirigi um fusca até o Rio Pelotas. Fomos em comboio, com uns três ou quatro veículos. Foi uma expedição cheia de novidades, milhares de quilômetros rodados, visitas a muitos museus e instituições de pesquisa, como Museu Diretor Pestana, em Ijuí. Fernando La Salvia era muito didático e José Brochado tinha mil histórias para contar e, assim, aprendíamos, em reuniões formais, ao final do expediente, ou de forma despreziosa e, por isso mesmo, ainda mais inesquecível.

Em uma dessas tantas viagens, fomos de Kombi e nos divertimos por horas com as histórias contadas pelo Brochado. Ele tratou naquela ocasião dos escândalos na Idade Média. Sempre digo que ele é capaz de comentar um mesmo assunto (e quase qualquer assunto) por horas. Fazendo graça mesmo sem querer. E isso é que deixa tudo mais engraçado, porque ele fala sério. Sempre fez sucesso assim em suas palestras, conferências ou comunicações em congressos. Quem o assistiu possivelmente tem memória (afetiva) sobre o episódio.

Lembrando que ele e o falecido Prof. Mentz Ribeiro (reconhecido piadista) já tinham por costume comemorar seu aniversário nesses eventos (invariavelmente ocorridos no segundo semestre). É bem verdade, não porque o Brochado quisesse, mas quase virou uma tradição. O Ribeiro sempre comandava um pedido de parabéns ao Brochado, independente da época em que o congresso acontecesse. Todos batiam palmas e depois iam cumprimentar pessoalmente o Brochado, o que sempre o deixava encabulado, já que ele tinha que tratar de desmentir ou fingir que estava de aniversário mesmo. Das ironias da vida: o Brochado nasceu em março. Mas não revelo aqui o dia, porque ele não gosta que desejemos parabéns e o lembremos da data. Um historiador/arqueólogo ressentido com o passar do tempo... Ora vejam!

Em fevereiro de 1989, chegamos ao município de Marcelino Ramos, no extremo norte do estado gaúcho, na divisa com Santa Catarina, na companhia de Brochado e La Salvia, sua esposa e alguns colegas. Era final do carnaval e passamos os noventa dias seguintes acampados em uma estação termal. Naquela oportunidade, localizamos muitos sítios arqueológicos, especialmente Guarani, nas margens do Rio Pelotas e seus tributários, em áreas que seriam afetadas pela inundação ocasionada pela construção da Usina Hidrelétrica Machadinho. Detalhe: eu havia casado no final de dezembro e já passei três meses em campo. Lembro do forro da barraca até hoje! O banho era ótimo: relaxante.

Ao me formar, no final dos anos 1980, tive mais tempo livre para seguir em campo. E assim passei de auxiliar para arqueóloga júnior e, depois em 1996, passei a coordenar as atividades em campo, na retomada das pesquisas naquela região. Em 1999, dez anos depois de formada, passei a dividir a coordenação geral com o Brochado, por ocasião das pesquisas na Linha de Transmissão Garabi/Itá.

Minha trajetória, de fato, se confunde com as oportunidades que tive pela convivência com Brochado. Eu começava a ir mais a campo, justamente no momento em que ele deixava de viajar e coordenava, então, exclusivamente as atividades em laboratório. Uma parceria que sempre deu certo, já que nos entendíamos bem e dividíamos as tarefas.

ANOS 1990

No início dos anos 1990, Brochado, após ter saído da UFRGS, por ocasião de sua aposentadoria, foi convidado para ser professor no Curso de História da PUCRS, tanto na graduação, como no Programa de Pós-Graduação. Lá fui eu com ele! Fazia pouco tempo que eu havia concluído as duas ênfases (Licenciatura e Bacharelado) do meu curso (Ciências Sociais) na UFRGS.

Tive oportunidade de ser novamente sua aluna, em seguida, no Curso de Especialização em Arqueologia da Região Platina, que logo se tornou a primeira turma de mestrado, com área de concentração em Arqueologia, onde ele foi meu orientador.

Enquanto isso, nos estabelecemos definitivamente no CEPA, onde já trabalhávamos juntos. Anos depois mudamos para novas instalações no Museu de Ciências e Tecnologia (MCT) e tivemos oportunidade inclusive de auxiliar na formatação dos novos espaços (laboratório, hoje chamado Laboratório de Pesquisas Arqueológicas), a Reserva Técnica, nos subterrâneos do prédio, e em parte do setor de exposições, dedicado à Arqueologia. Ali desenvolvemos muitos relatórios técnicos em obras de engenharia, que dariam a experiência necessária que me levou à minha tese de doutorado (MONTICELLI 2005, 2010).

Da PUCRS, ele foi demitido, em 1999. Eu estava em campo. Lembro bem do impacto que a notícia causou a todos. O Brochado em suas explanações saía de um lugar e viajava longe, então nem todos conseguiam seguir seu ritmo e andanças mundo a fora. É preciso capacidade de imaginação e desprendimento para acompanhar as ideias do Brochado, já que ele te leva, com sua erudição e memória prodigiosa, a mundos que a gente desconhecia/desconhece.

Aprendemos a admirar as digressões que o Brochado sabe fazer como ninguém. Talvez, eu, por sua influência, me permiti fazer tantas digressões aqui também, ainda que sem ser tão bem-sucedida. Mas a culpa é só minha.

Eu e demais colegas de toda uma nova geração da Arqueologia, oriundos da História e, no meu caso, das Ciências Sociais, aprendemos a admirar seu conhecimento, sua didática, mas não aquela do quadro negro, mas da sabedoria mesmo, do companheirismo. Ele tratava todos igualmente, não estranhava, nem reprimia nossos comportamentos ou criticava nossa falta de experiência enquanto alunos ou jovens aprendizes e incentivava nossas carreiras. Aconteceu isso comigo, com o Chico (Francisco Noelli), a Bia (Beatriz Landa), o Júnior Domiks, o André Soares, Júlio Steiglich e todos aqueles que foram seus orientandos, bolsistas, discípulos. E foram muitos!

Após sua saída da universidade, ele então passou a consultor nos projetos de pesquisa em andamento ou subsequentes. Em casa, passou a interessar-se por literatura

rusa e assuntos diversos e, assim, permanecia cheio de conhecimentos a compartilhar e novidades (não aquelas episódicas, dos noticiários), mas, sim, aquelas mais relevantes. Nossos contatos passaram então a ser em longos telefonemas e, eventualmente, por e-mail. Mas muito mais raros do que eu gostaria.

A título de exemplo, destaco uma das últimas vezes que Brochado esteve em campo, lá no ano de 1993. Por ocasião do II Sítio Escola, em Povo Novo, entre as cidades de Pelotas e Rio Grande. Apesar do nome, o local é muito antigo e fica na região sul do estado, justamente onde o Brochado nasceu, frequentou assiduamente as bibliotecas e iniciou seus estudos. No sítio Guarani sobre dunas, ele ficou famoso por tratar, entre tantos assuntos, (pasmem!) sobre o Rio Mississipi. Passávamos o dia ouvindo suas histórias. Na oportunidade, o fotografei (Fotografia 1). Acho essa fotografia linda é um instantâneo que gosto especialmente, porque permite que tenhamos ideia do Brochado em campo: bem-disposto e falante, cheio de histórias para contar.

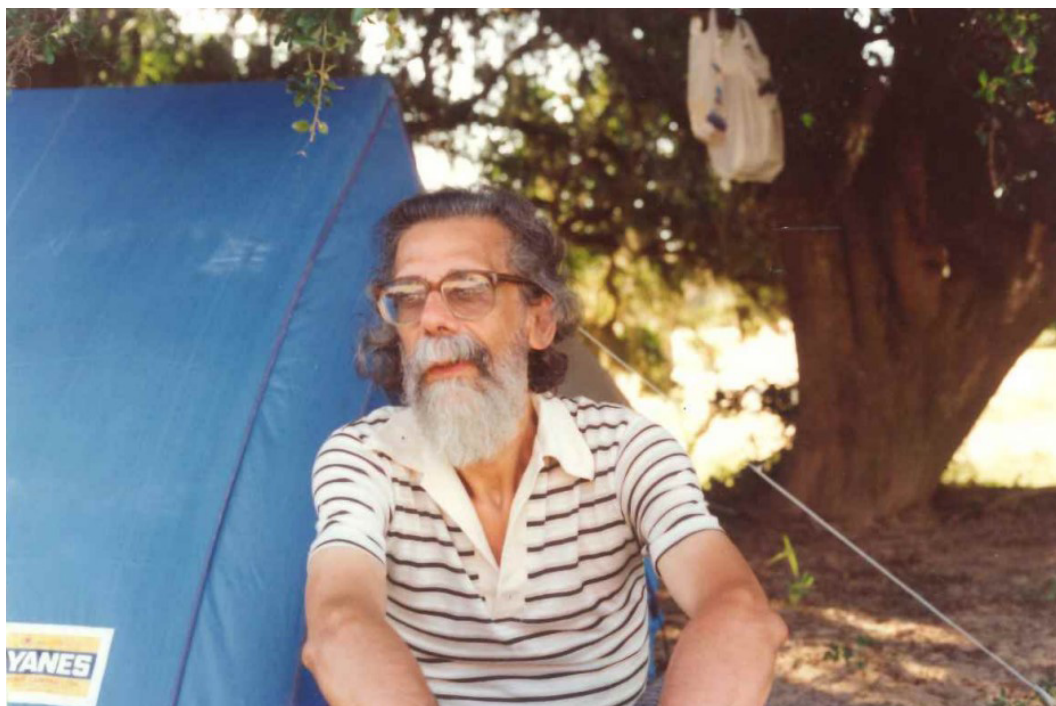


Figura 1: José Proenza Brochado em Povo Novo, Rio Grande, em janeiro de 1993
Fonte: Acervo do autor

Naquele mesmo ano, em julho, pesquisamos (Figuras 2 e 3) o Abrigo do Barreiro, com gravuras rupestres, no município de Ivorá/RS. Os resultados iniciais deram origem a um artigo (LIMA; BROCHADO, 1993).



Figura 2: José Brochado e Padre Daniel Carginin, no Abrigo do Barreiro, município de Ivorá/RS, em julho de 1993

Fonte: Acervo do autor

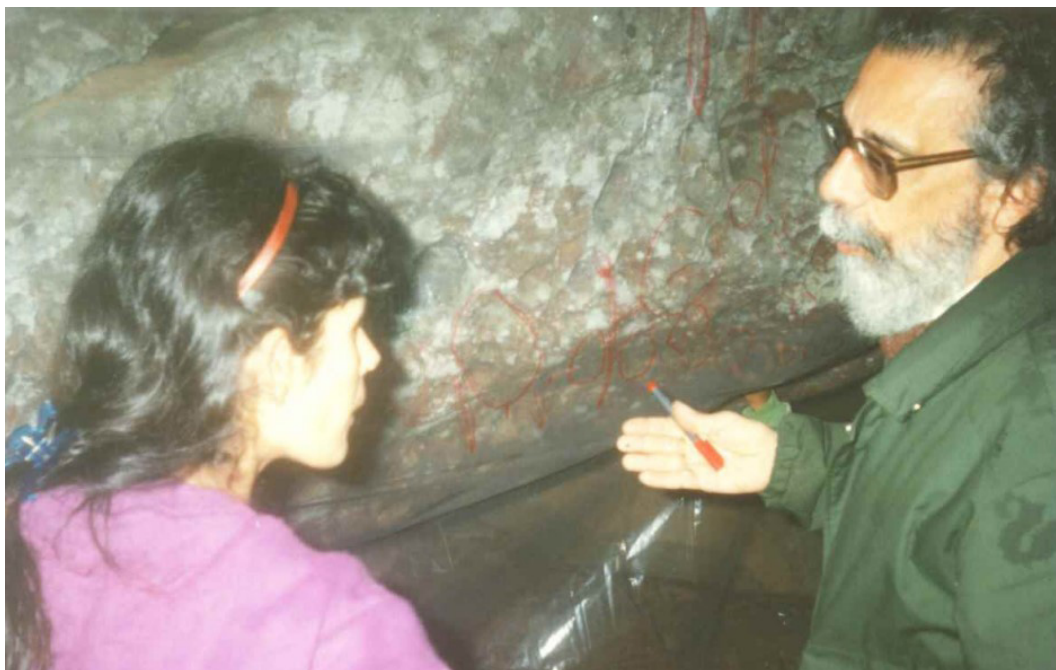


Figura 3: José Proenza Brochado e Beatriz dos Santos Landa no Abrigo do Barreiro, município de Ivorá/RS, 1993

Fonte: Acervo do autor

FINALMENTE: O LIVRO!

E só agora chego ao assunto que combinei de tratar. Confesso que acho mais interessante o que fui confabulando, porque não era assunto técnico e trata mais das memórias e vivências que tive com o Brochado. Sempre repito, entre tantas de suas fra-

ses, que ainda sempre lembro e me servem de inspiração vida afora: “para fazer ciência não precisa fazer cara feia.”

No andar térreo do mais antigo prédio da PUCRS, onde fica o Colégio Champagnat, construído nos anos 1920, tinha o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA), com suas vitrines antigas, pé direito alto, piso hidráulico, paredes grossas e janelas com vidraças por fora. Logo na entrada ficavam as mesas da Ane, secretária, e do Irmão Valeriano (Guilherme Naue), com seu inseparável rádio de pilha.

Na sala comprida que se seguia, bem ao fundo, eu e o Brochado sentávamos lado a lado, em mesas grandes e antigas em madeira de lei. Ali ao longo de mais de dez (10) anos analisamos cada fragmento de cerâmica, especialmente Guarani, obtidos nas pesquisas em campo, em sítios arqueológicos localizados em área a serem impactadas pelas usinas hidrelétricas de Garabi, Machadinho (BROCHADO; MONTiCELLI, 1992; 1998), no extremo norte do estado, na divisa com Santa Catarina, Campos Novos, projeto coordenado pelo Irmão Valeriano (já falecido) e José Catafesto de Souza (UFRGS). E, ainda antes, Itá e depois Itapiranga, em que Brochado analisava os fragmentos de cerâmica de um grande sítio arqueológico, em laboratório da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a pedido da arqueóloga Mariland Goulart.

A propósito (nova digressão), só a encontrei pessoalmente uma única vez, por acaso, na travessia de balsa no rio Pelotas, quando as duas equipes estavam viajando em direções opostas. Curiosamente estivemos depois em local onde havia um sítio arqueológico em que ela, ao que tudo indica, havia pesquisado anos antes. Como sabíamos disso? A família tinha dado o nome dela (pouco comum) a uma das filhas. Anos depois, ao voltarmos lá, a filha mais nova se chamava ‘Gislaine’. Ainda que meu nome não seja bem esse, gostei de pensar que a passagem das arqueólogas possa ter feito alguma diferença (positiva) na vida das famílias que conhecemos em nossas pesquisas. Talvez isso até explique porque eu e o querido Júnior Domiks, amigo e colega há décadas, tenhamos afillhados pelo interior do estado. Essa convivência nos reanima e aprendemos muito com as pessoas pelo caminho, especialmente aquelas famílias que nos recebem nos sítios arqueológicos ou nos hotéis.

Esse é um dos aspectos que mais gosto no exercício da profissão: conhecer pessoas e lugares, descobrir novos sítios arqueológicos e assim identificar e estimar as trajetórias que as populações humanas tiveram que enfrentar ao longo do tempo. E isso tudo aprendemos também com o Brochado. Aprendemos sobre o fascínio que as pessoas e suas culturas podem exercer. E como as trocas pessoais, a partir de nossas conversas, podem ser enriquecedoras. E como, no fundo, são as pessoas que fazem toda a diferença. Feito o Brochado!

Nos conhecemos faz mais de 35 anos. Ano passado ainda, no meu primeiro dia de férias, me reuni com duas queridas amigas, arqueólogas, Angela Cappelletti e Lizete Oliveira, e lá fomos nós, numa viagem pelo interior do estado gaúcho, para conversar durante toda a tarde com o Brochado, ao sol, na companhia de seus gatos. De uma forma que segue sendo despreziosa. “Jogando conversa fora”, mas aprendendo sem parar.

Retomando... Sentados, lado a lado, tivemos a ideia de anotar todas as interpretações que alcançamos ao analisar os fragmentos (e foram centenas, senão milhares). Usamos para isso papel reciclado, dos formulários contínuos, com aquela borda picoteada, usados nas impressoras naquela época. Recortamos na forma de pequenos bilhetinhos retangulares. Fizemos uma pilha daqueles bilhetes com anotações, ma-

nuscritas, e com eles conseguimos escrever o artigo: “Regras Práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica arqueológica Guarani”. Gosto de contar este detalhe, porque acho inusitado e dá ideia de como alguma coisa despreziosa, pôde chegar a resultados que são reconhecidos depois.

Entendo que este artigo, de autoria do Brochado, com a minha colaboração, e aquele outro de autoria do Brochado, minha e do Eduardo dos Santos Neumann (hoje professor da UFRGS), chamado “Analogia etnográfica para a reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas”, são de certa forma continuidades ao livro de autoria do Brochado e do La Salvia (1989, 1991), ou seja, pouco antes.

Vejam que a ordem das publicações (dois artigos logo após o livro) que mencionei aqui é inversa. Isso por si só já indica a importância e influência do livro sobre as produções acadêmicas que se seguiram, de nossa autoria e de outros colegas, como veremos brevemente logo mais.

Naqueles casos, procuramos detalhar aspectos, baseados nas experiências que tivemos ao analisar centenas de fragmentos, aliado a observação de mais de uma centena de vasilhas inteiras, disponíveis nos acervos da PUCRS, da UFRGS, do Museu Diretor Pestana, em Ijuí, do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL), em Taquara, entre outros, todos no Rio Grande do Sul. Assim como o conhecimento obtido nos verbetes existentes sobre cerâmica, barro, acabamento, forma e função, conforme o dicionário de autoria do padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya (1876).

Tivemos oportunidade ainda de fazer levantamentos das medidas de diâmetro, espessura das paredes, maior circunferência no bojo, profundidade (ou altura), assim como fotografias e desenhos de perfil, em nossas viagens, especialmente pelo interior do estado, por iniciativa do próprio Brochado e do Fernando La Salvia, assim como de sua esposa, Maria Guilhermina, que se encarregava de fazer os desenhos dos motivos nas vasilhas com pintura interna e/ou externa. Isso especialmente entre os anos de 1987 e 1988.

Esta documentação (fotografias, desenhos, arqueometria) deu origem ao livro *Cerâmica Guarani* (BROCHADO; LA SALVIA, 1989), cuja primeira edição saiu em 1989 (e por isso o ensejo dos 30 anos, que já se passaram), que tive oportunidade de conhecer ainda na forma de esboço, o chamado “boneco”, que estava sendo revisado na ocasião, tanto pelo La Salvia, como pelo Brochado. O livro foi sendo escrito à medida que o levantamento das vasilhas era feito. Sua publicação foi pela editora Posenato Arte e Cultura, de Porto Alegre. Lembro que a versão final não era aquela preferida pelo Brochado, quanto à ordem dos capítulos. Mas o resultado deu certo.

A importância que o livro adquiriu e sua vendagem levou a uma segunda edição (BROCHADO; LA SALVIA, 1991) e, assim, muitos puderam conhecer aspectos como terminologia (verbetes e glossário), atributos (tecnologia, tratamentos de superfície, morfologia, funcionalidade, motivos), entre muitos outros, em publicação ilustrada (fotografias e desenhos), que passou a contribuir, desde então, de forma inestimável nas análises da cerâmica Guarani, obtida nos sítios arqueológicos ou identificada em coleções em museus e universidades, seja através de fragmentos (especialmente as bordas) ou vasilhas ainda inteiras.

Estas publicações, especialmente o livro, mas de certa forma os artigos também que o seguiram, publicados em revistas da PUC-RS (Ibero-Americana e *Véritas*) fizeram sucesso justamente porque, entendo, que havia uma carência de parâmetros, técnicos e práticos, que permitissem analisar as superfícies da cerâmica, sua decoração,

fazer reconstruções gráficas a partir de fragmentos de borda. Especialmente, após o incremento das pesquisas contratadas em grandes áreas, a partir do final dos anos 1980. E também é claro entre as pesquisas de cunho exclusivamente acadêmico.

O livro ainda tem exemplares da segunda edição à venda, mas a editora fechou suas portas e os exemplares remanescentes foram comprados por mim e por Klaus Hilbert (PUCRS), anos atrás, após um telefonema inusitado ao Prof. Arno Kern, realizado por um senhor do interior do estado gaúcho. Resumo: estive na garagem de sua casa, em São Sebastião do Caí, para buscar centenas de exemplares e, hoje em dia, estes voltaram a abastecer um mercado ainda carente pelo assunto (cerâmica Guarani).

Explico: ainda que se saiba que há mais de mil títulos sobre os Guarani, conforme levantamentos como em Meliá, Saul e Muraro (1987), Meliá e Nagel (1995), Meliá (2004), poucos destes fazem referência à cerâmica Guarani. O livro do Brochado e La Salvia (1989, 1991), além de precursor, continua atual e relevante.

Depois da sua publicação, nenhum artigo ou dissertação que trata dos Guarani e das vasilhas de cerâmica produzida pelas mulheres, dos sítios arqueológicos identificados muito em função desse artefato-guia (presença de fragmentos de cerâmica com decoração plástica e/ou pintada), pesquisas arqueológicas sobre os Guarani em grande extensão territorial, deixou de fazer referência ao livro “Cerâmica Guarani” (BROCHADO; LA SALVIA, 1989, 1991).

Em projeto de pesquisa ao CNPq, nos anos 1990, Brochado (s.d) já indicava:

São ainda raras as pesquisas de cerâmicas arqueológicas no Brasil que ultrapassem a obtenção de informações métricas e levem em consideração o contexto em que se produziu e utilizou a cerâmica, incluindo a obtenção de matéria prima, as várias etapas da produção, funcionalidade, relações com a organização social, etnicidade e representações simbólicas [...] (BROCHADO, s.d.).

No mesmo projeto, Brochado (s.d.) enfatizava que se tratava de “trabalho pioneiro na cerâmica arqueológica Guarani [...] desenvolvido por mim, em colaboração com Fernando La Salvia”. Dava destaque ainda aos artigos em que colaborei (MONTICELLI, 1990; MONTICELLI, 1994), assim como minha dissertação de mestrado e a de colegas, seus orientandos:

Finalmente Monticelli (1995) procurou recuperar a memória da cerâmica produzida pelos Mbyá até pouco tempo. Outros dos meus alunos utilizaram esta linha para interpretar a totalidade da cultura material Guarani e suas relações com o ambiente, como se encontra expressa na arqueologia (NOELLI, 1993) e a organização social dos Guarani [...] nas dimensões e localização dos sítios arqueológicos (SOARES, 1996; BROCHADO, s.d.).

Minha dissertação foi entregue e defendida quando eu tinha sido mãe há 5 meses (o que surpreende, mas demonstra que é possível, apesar das dificuldades de conciliar a maternidade e a ciência, como bem evidenciam grande parte das minhas colegas arqueólogas). O resultado da minha pesquisa entendo como um esforço, ainda que tímido, mas importante, porque procurou ouvir os próprios Mbyá-Guarani (especialmente as mulheres) a respeito da memória que possuíam sobre as vasilhas de cerâmica produzida por suas mães e avós, até possivelmente meados dos anos de 1950. A síntese foi publicada na forma de artigo. Anos depois, procurei apresentar descobertas de um sítio

arqueológico (U-470) com vasilhas de cerâmica Guarani inusitadas, que encontramos anos antes junto ao Rio Pelotas, nas pesquisas em área de inundação da Usina Hidrelétrica Machadinho.

A maior parte das demais análises e interpretações realizadas em parceria, sob a coordenação ou consultoria do Brochado, foram sendo publicadas em relatórios (de divulgação restrita) ao IPHAN⁵ e empreendedores. Tratam-se dos resultados obtidos nas pesquisas em grandes obras de engenharia, especialmente, nas usinas hidrelétricas ao longo do Rio Uruguai/Pelotas, nas décadas de 1980 e 1990, mas também em gasodutos, oleodutos, rodovias, linhas de transmissão, entre outras.

Cabe agora dar destaque a obras que entendo que inspiradas nas reflexões realizadas por Brochado ou com sua ajuda. Início com a dissertação do Francisco Noelli (NOELLI, 1993), uma obra de referência até hoje, ainda que não tenha sido publicada na forma de livro, o que é imperdoável. Ele, ainda que não tenha sido orientado formalmente no mestrado pelo Brochado, tornou-se um de seus grandes interlocutores.

Eles se conheceram no final do inverno de 1986, quando o Chico, em um dia muito frio, foi ao Gabinete de Arqueologia, perguntar ao Brochado, como era uma aldeia Guarani vista pela Arqueologia. Ao que Brochado teria respondido: “objetivamente não sei e nem outros da arqueologia sabem... tu terás que investigar. Terás que ler fontes históricas, etnográficas e linguísticas”. Essa conversa durou umas 6 ou 7 horas! Brochado então passou a orientá-lo em bolsa de Iniciação Científica (FAPERGS) entre 1988 e 1990. Essa pesquisa deu origem a sua dissertação de mestrado (Francisco Noelli, comun. pessoal, out. 2020).

Francisco Noelli possivelmente foi quem mais publicou sobre os Guarani nas últimas décadas⁶. Por vezes, só (NOELLI, 1997, 2004, 2008, 2019), em parceria com o próprio Brochado (1998) sobre as beberagens, e com colegas, como André Soares, sobre epidemias (NOELLI; SOARES, 1997), sobre organização social (SOARES; NOELLI, 1997), com Beatriz Landa, sobre alimentação através de receitas (LANDA; NOELLI, 1997), com Adriana Schmidt Dias, sobre indústria lítica (NOELLI; DIAS, 1995), e mais recentemente sobre a linguagem da cerâmica Guarani, com correções e atualizações da grafia (NOELLI; BROCHADO; CORREA, 2018) e sobre conhecimentos ambientais (NOELLI *et al.*, 2019), entre outros. Isso certamente pela capacidade de trabalho, o que garantiu a continuidade das pesquisas e ofereceu muito conhecimento sobre o tema.

Cabe destacar ainda mais algumas dissertações e artigos possivelmente inspirados no livro e nas reflexões dos dois autores, Fernando La Salvia e José Brochado. Cito a dissertação do André Soares (1996), transformada em livro (SOARES, 1997), Deise Lucy Montardo (1995), a dissertação de mestrado sobre as mulheres (LANDA, 1995) e um artigo de Fernanda Bordin Tochetto (1996), André Soares (1999) e com Ivory Garlet (1998). Temos ainda uma série de pesquisas já entre estudantes/pesquisadores de gerações seguintes, a partir dos anos 2000, como a dissertações de mestrado fora da PUCRS e já não orientadas por Brochado, mas influenciadas por sua produção, tais como Rafael Milheira (2008) e colegas (2009), com Gustavo P. Wagner, como organizadores (2014), Mariana Neumann (2008) e Sergio Klamt, André Soares e Jedson P. Cerezer (2016), entre várias outras.

Furto-me de tratar aqui das publicações específicas de demais colegas de outras instituições, tais como Instituto Anchietano de Pesquisas⁷ (cujas pesquisas são invariavelmente publicadas e encontram-se disponíveis a venda ou em pdf), MARSUL,

UNISC, UFRGS, UFSM, UFPel, FURG, entre outras, apenas no intuito de abreviar este depoimento, mas reconhecendo sua importância. Assim também não dei conta de tratar das publicações dos colegas em outros estados ou países vizinhos. Em nome de todos eles, faço referência (e reverência) à obra inestimável, ainda que não trate somente sobre a cerâmica Guarani, organizada por iniciativa dos arqueólogos, Prof. Dr. André Prous (UFMG) e Prof^a. Dra. Tânia Andrade Lima (UFRJ/Museu Nacional), publicada em 2008 e 2016. Além de homenagear ao Brochado e ser a ele dedicada, permitiu que colegas de diferentes regiões, em seus três volumes, tenham reunido seus textos, imagens, documentação para tratar dos “Ceramistas Tupiguarani” e isso reforçou, mais uma vez, a importância da temática.

Certamente ao indicar estes trabalhos, deixo de mencionar muitos outros, mais recentes, mas não cabe aqui esgotar todas as publicações que foram influenciadas por José Proenza Brochado e seu livro, em co-autoria com Fernanda La Salvia (já falecido faz muitos anos).

Hoje, após 30 anos, é merecida esta homenagem e a publicação de artigos nessa obra comemorativa. Isso só comprova e renova a importância do livro “Cerâmica Guarani” e da trajetória que se seguiu e inspirou tantos colegas, jovens e talentosos arqueólogos.

A importância da vida e obra de José Proenza Brochado já foi enaltecida e bem lembrada por ocasião do capítulo de autoria, mais uma vez, de Francisco Noelli (2008): “José Proenza Brochado: vida acadêmica e Arqueologia Tupi”, onde há menção a sua trajetória, principais publicações e orientandos. Este artigo foi publicado no volume I da série Os “Ceramistas Tupiguarani” (PROUS; ANDRADE LIMA, 2008, p. 15), em que os editores dedicaram a obra “a José Proenza Brochado, pela sua inestimável contribuição ao estudo dos ceramistas Tupiguarani” e consideraram seu pensamento “um divisor de águas”.

As ideias fecundas de Brochado, fruto de intensas reflexões, despertaram seguidores e opositores, provocaram debates, geraram tantos aplausos quanto controvérsias. Louvamos aqui sobretudo a natureza seminal e instigante do elegante modelo por ele criado. Aqueles que se interessam ou se dedicam ao tema, mesmo sem necessariamente concordo com o autor, o têm como ponto de partida, até para que dele possam discordar frontalmente. Não há muitas obras na arqueologia brasileira, pelo que deixamos aqui consignado nosso pleito e admiração (ANDRADE LIMA, 2016, p. 175).

Espero que novas gerações sintam-se impulsionadas a seguir pesquisando sobre a cultura material dos Guarani, cuja cerâmica permite seu reconhecimento, dá ideia de sua riqueza e da prescritividade dessa etnia, ao mesmo tempo tradicional, inovadora e diversa, sobre a qual só conseguimos nos aproximar nas últimas décadas e ainda há tanto a pesquisar, analisar, interpretar e aprender.

Devemos isso aos Guarani, em especial às mulheres Guarani, aos pesquisadores e ao querido José Brochado, grande arqueólogo, conhecedor como ninguém da cerâmica Guarani, a quem admiramos tanto e com quem aprendi quase tudo que sei na Arqueologia, ao longo de tantos anos. Sem dúvida alguma, atribuo grande parte do meu reconhecimento como profissional ao respeito que obtive dos colegas por ter sido aluna, orientanda, discípula e aprendiz. Sinto-me sempre muito orgulhosa de ter tido o privilégio de tantos anos de convivência e tanto aprendizado. Fui afortunada por isso e

sigo sendo! Por isso, retomo minha ideia inicial: a dificuldade que tive em desenvolver essas ideias, que nada mais são do que um tributo, de consideração, respeito e gratidão ao Brochado.

E por aqui encerro e já faço logo um “mea-culpa”. Como não tenho a memória prodigiosa do Brochado, certamente cometi aqui algumas incongruências. Possivelmente, o Brochado com sua capacidade crítica, tão perspicaz, saberá fazer alguns ajustes. E aí temos a diferença do Brochado em relação aos demais ‘mortais’, como eu. Ele soube como ninguém transformar suas memórias, mesmo quando singelas, em grandes histórias, que não cansamos de lembrar e repetir, porque povoam nossos sonhos e realidades nas últimas décadas e garantiram nossa formação e atuação. E escrevo isso, certamente, em nome de muitos colegas que tiveram sua trajetória alterada pela presença e a convivência com essa figura ímpar que admiramos tanto: José Proenza Brochado.

Só posso aqui confirmar o que todos sabem e repetem sobre o ele: Brochado e os que o elogiam, enaltecendo sua obra e sua figura humana, estão cobertos de razão (e emoção). Quem o conhece, não o esquece!

JOSÉ BROCHADO: WHO KNOWS IT DOESN'T FORGET IT

Abstract: this text constitutes a testimony in the celebration of 30 years of the publishing of the book Cerâmica Guarani (Guarani Ceramics), written by the archaeologists José Proenza Brochado and Fernando La Salvia. It also refers to some memories obtained by interacting with Brochado, for having been his class assistant, research assistant and student, and, along him, having worked for nearly two decades analysing, specially, fragments of Guarani ceramics found in archaeological sites. For that, we used methods such as: entries from Montoya Dictionary, observation of complete bowls, existant in archaeological collections in Rio Grande do Sul, among others, as proposed on the book and following articles. There is also a brief inventory of local bibliography upon which Brochado had great influence. It is a tribute to his life and work, for the opportunities and knowledge he has been offering us.

Keywords: *Book. Ceramics. Guarani. José Brochado.*

Notas

- 1 Exposição organizada pela Prof^a. Dra. Silvia Copé, e colegas, intitulada “12 mil anos: da Pré-História a Arqueologia”, com excelente expografia. Há catálogo e DVD disponíveis (COPE, 2013).
- 2 Associação Nacional de Apoio ao Índio, organização não governamental.
- 3 Há resumo na língua portuguesa, em forma de artigo (BROCHADO, 1987).
- 4 Não me dedicarei a esse assunto, mas há vários colegas que trataram do tema e procuraram criticar, especialmente o PRONAPA. A título de exemplo, indico os artigos de Dias (1995, 2001), Barreto (1999), Hilbert (2007), só para mencionar alguns. Há ainda um trabalho de conclusão de curso (História/PUCRS), que orientei, de autoria de Juliana Konflanz de Moura (2014).
- 5 Relatórios disponíveis em processos junto a 12ª Superintendência Estadual do IPHAN, em Porto Alegre/RS, em nome de José Proenza Brochado, Gislene Monticelli ou ambos.
- 6 Ver lista completa em seu currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2892494561052993>
- 7 Ver lista de publicações em: www.anchietano.unisinos.br

Referências

- ANDRADE LIMA, Tânia. Os ceramistas Tupiguarani, esses desconhecidos. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Volume III – Eixos Temáticos. Belo Horizonte: Graphar, 2016. 256 p. Il.
- BARRETO, Cristiana. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento 3, p. 201-12, 1999. (Anais da I Reunião Científica de Teoria Arqueológica na América do Sul).
- BROCHADO, José Proenza. *Social ecology of the Marajoara Culture*. Urbana-Champaign: University of Illinois, 1980. (M. A. Thesis)
- BROCHADO, José Proenza. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Department of Anthropology. University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.
- BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *Clio*, Recife, n. 4, p. 85-7, 1987. (Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste)
- BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica da cerâmica Guarani por comparação com vasilhas inteiras. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 107-18, 1994.
- BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo dos Santos. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Véritas*, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-43, 1990.
- COPÉ, Sílvia Moehlecke. *12.000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2013 (Catálogo da Exposição 12000 anos de História: Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul).
- KLAMT, Sérgio C. SOARES, André Luis Ramos; CERZER, Jedson Francisco. Catálogo de vasilhas cerâmicas arqueológicas Guaranis. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, p. 1-46, 2016. (Parte I)
- DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA). *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 22, p. 25-39, 1995.
- DIAS, Adriana Schmidt. Trajetórias e Perspectivas Teórico-metodológicas na Arqueologia Brasileira. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, IX. *Anais...* Rio de Janeiro, 2001. CD-ROM.
- HILBERT, Klaus. “Cave canem!”: cuidado com os “Pronapianos”! Em busca dos jovens da arqueologia brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 2, n. 1, p. 117-30, jan. abr. 2007.
- LANDA, Beatriz dos Santos. *Mulher Guarani: atividades e cultura material*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1995.
- LANDA, Beatriz dos Santos. Arqueologia Guarani e Gênero. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 23, p. 240-4, 1999.
- LANDA, Beatriz dos Santos; NOELLI, Francisco Silva. As receitas culinárias Guarani como base para análise da dieta do grupo. *Histórica*, Porto Alegre, v. 2, p. 163-72, 1997.

- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. *Cerâmica Guarani*. 1. ed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.
- LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. *Cerâmica Guarani*. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1991.
- LIMA, Taís Vargas; BROCHADO, José Proenza. Petroglifos do Abrigo do Barreiro. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. XX, n. 1, p. 47-61, jul. 1994.
- MELIÁ, Bartomeu. La novedad Guaraní: viejas cuestiones y nuevas preguntas. Revisita Bibliográfica: 1987-2002. *Revista de Indias*, v. LXVI, n. 230, p. 175-226, 2004.
- MELIÁ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícius de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Fundação Nacional Pró-Memória/FUNDAMES, 1987.
- MELIÁ, Bartomeu; NAGEL, Liane. *Guaranies y Jesuitas en tiempo de las Misiones: una bibliografía didáctica*. Asunción/Rio Grande do Sul: CEPAG/UIR, 1995.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste/RS*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; APPOLONI, Carlos; PARREIRA, Paulo Sérgio. Arqueometria em cerâmicas Guarani no Sul do Brasil: um estudo de caso. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 19, p. 355-64, 2009.
- MILHEIRA, Rafael Guedes; WAGNER, Gustavo Peretti (org.). *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba: Appris, 2014. 290 p.
- MONTARDO, Deisi Lucy. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas: reflexões iniciais*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani o más bien Tupi*, I: Vocabulario Guarani (o Tupi) espanhol. Nueva edición. Viena/Paris: Faesy y Frich/Maisonnieuve, [1640] 1876.
- MOURA, Juliana Konflanz de. *PRONAPA: antecedentes e influências*. Monografia (Graduação em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2014.
- NEUMANN, Mariana. *Ñande Rekó: diferentes jeitos de ser Guarani*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2008.
- NOELLI, Francisco Silva. *Sem tekoá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação como área de domínio no Delta do Rio Jacuí, Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1993. 2 v.
- NOELLI, Francisco Silva. Distâncias entre as áreas de captação de recursos líticos e o sítio arqueológico do Arroio do Conde, Rio Grande do Sul. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 26, p. 113-31, 1997.
- NOELLI, Francisco Silva. La distribución geográfica de las evidencias arqueológicas Guaraní. *Revista de Indias*, Madri, v. 64, n. 230, p. 17-34, 2004.

- NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado, vida acadêmica e a Arqueologia Tupi. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Volume I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p. 17-47.
- NOELLI, Francisco Silva. Piratýpe: uma linguagem da pesca e do consumo de peixes entre os Guaraní. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, v. 16, p. 30-54, 2019.
- NOELLI, Francisco; BROCHADO, José Proenza. O cauim e as beberagens dos Guaraní e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 8, p. 117-28, 1998.
- NOELLI, Francisco Silva; BROCHADO, José Proenza; CORRÊA, Ângelo Correa. A linguagem da cerâmica Guaraní: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística*, v. 10, p. 167-200, 2018.
- NOELLI, Francisco Silva; CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; VOTRE, Giovana Cadorin; PAVEI, Diego Dias. Ñandereko: fundamentos dos conhecimentos tradicionais ambientais Guaraní. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 11, p. 13-45, 2019.
- NOELLI, Francisco Silva; DIAS, Adriana Schmidt. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica Guaraní. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 19, n.22, p. 7-23, 1995.
- NOELLI, Francisco Silva; SOARES, André Ramos. Para uma história das epidemias entre os Guaraní. *Diálogos*, Maringá, v. 1, p. 165-78, 1997.
- PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Volume I – Sínteses Regionais. Belo Horizonte: Sigma, 2008. 216 p. II.
- PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (ed.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Graphar, 2016. 3 v. II
- SOARES, André Luiz Ramos. *Guaraní, Organização Social e Arqueologia*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 1997.
- SOARES, André Luiz Ramos. *Guaraní: organização sócio-política Guaraní: aportes para a investigação arqueológica*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1996.
- SOARES, André Luiz Ramos. Os horticultores Guaranis; problemáticas, perspectivas e modelos. In: QUEVEDO, Júlio (org.). *Rio Grande do Sul: quatro séculos de História*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. p. 61-101.
- SOARES, André Luiz Ramos; GARLET, Ivori. Parcialidades Guaraní: em busca de uma visão diacrônica. *Histórica*, Porto Alegre, n. 3, p. 53-8, 1998.
- SOARES, André Luiz Ramos. Propostas para a delimitação de cacicados Guaraní. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 24, p. 37-64, 1996.
- SOARES, André Luiz Ramos; NOELLI, Francisco Silva. Efeitos da conquista europeia na terminologia e organização social Guaraní. *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa*, Maringá, p. 383-97, 1997.
- TOCHETTO, Fernanda Bordin. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guaraní. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, n. 6, p. 33-45, 1996.